

Um labirinto como o de Creta



RICARDO HOLLANDA
Da Editoria de Política

As centenas de gabinetes, corredores, salas, ante-salas, salões, comissões, auditórios, galerias e plenários que se espalham pelos 222.466 metros quadrados do Congresso Nacional se assemelham ao visitante como o labirinto de Creso, em Creta, onde, segundo a lenda, teria sido aprisionado o Minotauro. Aos parlamentares mais antigos e experientes, todavia, os 10 prédios do conjunto arquitetônico oferecem uma infinidade de locais onde se enclausurar para fugir ao burburinho e trabalhar em calma e paz.

E para encontrar esses políticos, às vezes só mesmo recorrendo ao artifício empregado pelo herói teso: Teseu para entrar no labirinto, matar o Minotauro e escapar do local com vida sem se perder: enrolar a ponta do novelo de lã. Contudo, mesmo com o fio na mão só se acha quem se procura depois de dar muitas voltas pelos tortuosos caminhos do Congresso. O próprio plenário da Constituinte não é um bom lugar para se aguardar a chegada do esperado, em alguns casos. Determinados parlamentares, mesmo estando no Congresso, raras vezes vão ao plenário. Estes são normalmente os principais articuladores políticos dos grandes partidos que preferem a surdina dos gabinetes para tecer seus acordos.

O Salão Verde da Câmara, com 863 metros quadrados, é um dos principais pontos de trânsito do Congresso. A maioria dos parlamentares transita por ali diariamente, uma vez que as portas de entrada para o plenário se abrem nele. O cafezinho é o local onde os deputados e senadores trocam idéias de forma descontrada, concedem entrevistas a jornalistas e conversam com eleitores e lobistas que vêm procurá-los. A importância e popularidade do parlamentar pode ser medida pelo número de pessoas que o rodeiam. O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP), raras vezes consegue atravessar os 50 metros entre a porta de seu gabinete e a Mesa do plenário sem estar cercado por uma multidão de repórteres, cinegrafistas, radialistas e técnicos de televisão. Já outros deputados mais novatos circulam sem despertar atenção da imprensa ou de populares.

Para resguardar os parlamentares do assédio a que são submetidos todas as vezes que saem do plenário para tomar um copo d'água, um cafezinho, ou relaxar no Salão Verde, a Mesa está concluindo um novo cafezinho no interior do plenário, com três mesas, que deverá começar a funcionar a partir desta semana. São 75 metros quadrados que ainda vão dar o que falar, tal a importância dos encontros políticos que nele se realizam.

A Biblioteca da Câmara tem sido palco de numerosos encontros, e possui uma pequena sala onde os parlamentares costumam se encontrar para articular movimentos ou entabular negociações secretamente. A do Senado já teve um frequentador assíduo, o senador Marco Maciel (PFL-PE) que ali, no Arquivo, ou na Reprografia, estabeleceu entendimentos com diversos políticos que resultaram na constituição da Frente Liberal em 84. Desde que tornou-se ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência, Maciel raramente frequentou esses lo-

cais. Ao retornar ao Parlamento após a reforma ministerial, foi brindado com a presidência do PFL no 26º andar do Anexo I, do Senado.

São poucas as vezes que Maciel fica em seu gabinete. Quando não é encontrado no Congresso, seu paradeiro mais provável é um conjunto de salas no Edifício Brasal, no Setor Comercial Sul, que lhe foi cedido pelo empresário Osório Adriano, presidente do diretório local do partido. O líder da Frente Liberal na Câmara, deputado José Lourenço (BA), depois de uma reforma que realizou no início do ano em seu gabinete, dotou sua sala de uma pequena saleta onde deveria conversar reservadamente. Entretanto, como cede o local constantemente a seus liderados para articulações particulares, algumas vezes foi obrigado a conversar trancado no banheiro.

A segunda vice-presidência da Câmara, já foi no tempo do deputado Walber Guimarães (PMDB-PR), em 83 e 84, um dos templos do PMDB. Naquelas salas os peemedebistas articularam toda a campanha de Tancredo Neves à presidência da República. Até o ano passado, quando estava no cargo o deputado Carlos Wilson (PMDB-PE), hoje vice-governador de Pernambuco — muitas manobras eram oriundas de reuniões que aconteceram lá. Hoje o local perdeu a importância que teve.

A primeira e segunda secretarias da Câmara, ocupadas pelos deputados Paes de Andrade (PMDB-CE) e Albérico Cordeiro (PFL-AL) tornaram-se a Meca dos nordestinos. Como os dois são de estados do Nordeste, os parlamentares da região utilizam estes gabinetes para suas reuniões e encontros políticos. Cordeiro, inclusive, coordena o grupo nordestino no Congresso.

Um dos mais antigos parlamentares do Congresso, o deputado Amaral Netto (PDS-RJ), líder pedessista na Câmara, praticamente passa a maior parte do dia entre o plenário e o gabinete da liderança, onde conversa com seus liderados. Só não é encontrado nesses locais quando está na sala do secretário-geral da Mesa, Paulo Affonso Martins de Oliveira, onde deputados de vários partidos e jornalistas se reúnem diariamente para conversar amenamente. Ou então na liderança pedessista no Senado, reunido com a bancada partidária, juntamente com o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA).

O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães (SP), tem predileção por conversas telefônicas. A telefonista que atende as ligações recebe mais de 500 telefonemas diariamente e liga para dezenas de pessoas. Ulysses, apesar de ter a ante-sala de seu gabinete sempre repleta de governadores, senadores, ministros e deputados, prefere realizar as reuniões fora do Congresso, em sua residência ou na dos ministros da Previdência, Raphael de Almeida Magalhães, ou da Ciência e Tecnologia, Renato Archer. Seu gabinete, o de número 506, no Anexo IV, permanece fechado grande parte do ano. E aberto apenas para as reuniões da Executiva Nacional do PMDB ou algum rariscontro sigiloso para o qual Ulysses necessite do local.

Quando senador e presidente do PDS, José Sarney tinha direito ao gigantesco gabinete da presidência de seu partido e a um pequeno gabinete de senador do outro lado do corredor. Sar-

ney, que sempre teve fama de bom articulador político, para fugir ao assédio refugiava-se nas salas do senador Lourival Batista. Há quem aprenda o caminho das pedras: e o deputado Prisco Vianna (PMDB-BA), ex-secretário-geral do PDS, amigo de Sarney, costuma escapar de seu gabinete no Anexo IV para ir trabalhar com calma nas salas do senador sergipano. O líder do Governo, Carlos Sant'Anna (BA), prefere o gabinete particular à sala da liderança, para encontros reservados.

O espaço ocupado pela presidência do PDS tornou-se este ano em dois gabinetes que couberam aos senadores Mário Covas (PMDB-SP) e José Richa (PMDB-PR). Amigos, os dois parlamentares pediram que fosse feita inclusive uma porta de ligação interna entre suas salas. Covas realiza os encontros mais importantes pela manhã, nesse gabinete de apoio, deixando a liderança peemedebista na Constituinte para reuniões de trabalho à tarde. Covas era um inveterado fumante que consumia até seis maços diários. Depois de sofrer um enfarte, alertado dos riscos pelos médicos, desistiu de fumar. Entretanto, tornou-se um "malabarista" do cigarro. Não há momento em que ele não traga um apagado entre os dedos. Coloca o cigarro na boca, põe no maço, tira da carteira, bate com ele na mesa ou na mão, mas sempre sem acendê-lo.

Enquanto Covas brinca com o cigarro para distrair a tensão, Richa prefere tomar chimarrão. O senador paranaense aproveita para pensar na resposta que vai dar ao interlocutor no tempo em que sorve um gole de mate.

Já o senador Luis Vianna Filho (PMDB-BA), que foi chefe do Gabinete Civil do presidente Castello Branco, tem hábitos mais refinados. As reuniões que considera de importância, marca para pouco antes das cinco da tarde, quando o contínuo de seu gabinete lhe serve e aos convidados um britânico chá com torradas.

No amplo plenário só vigoram as disposições regimentais. Lá, porém, todos obedecem a alguns usos e costumes, como fazem os ingleses. Nas confusas sessões de votação os líderes partidários se reúnem no fundo do plenário, isolados dos outros por várias cadeiras, sem que ninguém os atrapalhe ou interfira nos entendimentos. Por trás da Mesa da presidência também são realizados alguns encontros que necessitam da opinião do presidente da Sessão.

Os deputados José Genoino (PT-SP), Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) e Adilson Motta (PDS-RS), são três parlamentares que praticamente todos os dias passam o tempo entre plenário e o salão verde. Cardoso Alves argumenta que sua preferência pelo local se deve a considerar que "o Parlamento, efetivamente, é aqui". Velho parlamentar, ele garante que o local mais discreto para se conversar em todo o Congresso "é no fundo do plenário, onde ninguém atrapalha". Todavia, o deputado peemedebista costuma frequentar a liderança do PTB para reunir-se ou dar telefonemas. Genoino, por sua vez, acha que o local é bom porque "aqui nesse miolo você fica sabendo das coisas. E mais fácil de encontrar o pessoal". Já Adilson Motta, salientou a facilidade para marcar encontros; revelando que poucas vezes vai a seu gabinete, declarou: "Gabinete é coisa para burocrata".

Projeto será o tema em Vitória

Vitória — Os senadores Mario Covas (PMDB-SP) e José Ignácio Ferreira (PMDB-ES) e o deputado federal Bernardo Cabral (PMDB-AM), relator da Comissão de Sistematização, confirmaram presença para o encerramento do Projeto "O Espírito Santo na Constituinte", na noite da próxima quinta-feira, dia 27, em Vitória. Os três peemedebistas farão uma exposição do projeto da Constituinte no debate que será realizado no auditório da Rede Gazeta de Comunicações às 19 horas de quinta-feira. O projeto iniciou seus debates em 85, quando os então candidatos à Assembléia Nacional Constituinte de vários esta-

dos brasileiros defenderam suas propostas de campanha.

No início deste ano os trabalhos foram reiniciados e dele participaram vários constituintes que tiveram oportunidade de debater com a população os grandes temas da lei máxima.

Em julho foi iniciada a última fase do projeto com uma série de oito debates sobre as principais questões que integram o projeto de Constituição. O painel de encerramento será na quinta-feira, quando o deputado Bernardo Cabral e os senadores Covas e José Ignácio farão uma exposição do projeto da futura Carta do País.

Leite propõe que filiados votem antes

Para tornar mais democrático o processo de escolha dos candidatos ao pleito municipal de 15 de novembro do próximo ano, o deputado Jorge Leite (PMDB-RJ) vai apresentar projeto de lei ao Congresso Nacional propondo a realização de eleições primárias, pelo voto direto e secreto de todos os filiados dos partidos, cabendo à convenção municipal apenas a homologação do nome preferido.

Jorge Leite argumenta que essa forma de participação popular valoriza os filiados dos partidos, especialmente do PMDB, e permitirá que o candidato parta para a disputa com a aprovação da maioria da agremiação, com o selo da unidade partidária. Leite acha que depois da homologação da Constituição em 88, as eleições municipais representarão o fato mais importante politicamente.

A medida, sustenta o deputado, também tem a finalidade de fortalecer a estrutura partidária, especialmente a do PMDB, pois vai permitir que o partido fique mais perto de seus militantes.

Emenda é contra a estabilidade

O deputado Francisco Carneiro (PMDB-DF) apresentou emenda aditiva ao anteprojeto da Constituição, segundo a qual o empregado, ao ser demitido, deve ser indenizado ou receber seu "fundo de garantia", equivalente à indenização, facultada essa estabilidade, porém, a contrato de experiência de 30 dias. Na sua opinião, a estabilidade vitalícia dos empregos, como vem sendo defendida por alguns segmentos, "causará o desmoronamento de grande parte das empresas brasileiras, com o desaparecimento de importantes segmentos empresariais".

Segundo o parlamentar brasileiro, as empresas prestadoras de serviços, as de construção civil, as que desenvolvem atividades intensivas em períodos de safras e entressafras, empregam grandes contingentes de pessoal, para a execução exclusiva dos serviços contratados. Já outras empresas, argumenta Francisco Carneiro, são compelidas a reduzir sensivelmente seus quadros de pes-

soal, em consequência da flutuação do mercado, adaptando-se a uma nova realidade.

Assim, defende ele, para esses casos específicos, os demitidos devem ter a justa indenização. Isso porque, justifica, não bastasse a inconstância da economia brasileira, apenas as empresas estatais, pela sua subvenção governamental, "podem suportar a vitaliciedade empregatícia". Na realidade, ainda de acordo com Francisco Carneiro, a iniciativa privada, ao elaborar seu orçamento de custo, considerava uma mão-de-obra estritamente dimensionada para os volumes dos serviços contratados e/ou os estoques reguladores. E se tivesse que manter a estabilidade do empregado, garante, "jamais teria como avaliar os seus custos e, se o fizesse com a adição de elevados coeficientes de riscos, gerados pela obrigação manutencional dos empregos, atingiria preços insuportáveis e inviáveis para o consumidor," concluiu.